

## EXPEDIENTE.

No presente numero se desconta a meia folha que se deu de mais no 21.

## CONHECIMENTOS UTEIS.

## BETERRABAS.

(Carta importante.)

2584 Vendo no artigo 2522 da *Revista Universal Lisbonense* a resposta do Sr. Tinelli, ás perguntas feitas ao mesmo Sr. no artigo 2478, observo que o Sr. Tinelli marca o mez de março como o mais proprio para a sementeira da beterraba: verdade é que as beterrabas semeadas n'este mez produzem muito bem em Portugal, sendo propriamente cultivadas; mas é que sómente se pôdem semear em terrenos que são susceptiveis de rega, porque o clima de Portugal não é o clima de França ou Allemanha, e a beterraba não cresce de verão sem agua ou bastante humidade. Logo como poderá ser adoptavel em Portugal a cultura da beterraba para a fabricação do assucar, empregando-se para esse fim os terrenos que se regam? Deverá por ventura abandonar-se a sementeira do milho e feijão nos terrenos de regadio, para os empregar na cultura da beterraba? Eis-aqui considerações que talvez não occorressem ao Sr. Tinelli.

O assucar que uma fabrica pôde extrair, ainda que não seja em ponto muito grande, é tanto que se torna indispensavel uma grande quantidade de terrenos semeados de beterraba para a abastecerem completamente; e talvez que em todo o Portugal não haja terras em que possa realisar-se a irrigação, que produzissem melade do assucar necessario para o consumo do reino.

Assim vemos que a cultura da beterraba para a fabricação do assucar, só pôde ser util em Portugal nos terrenos de sequeiro; que para este fim ainda será necessario escolher os de boa qualidade, e melhor se forem humidos; e por conseguinte o tempo proprio para a sementeira deve ser em setembro ou outubro, quando vierem as primeiras aguas, para se crearem as beterrabas durante o inverno; porém é certo que então carecem de maior quantidade de adubio, do que a costumada nas sementeiras d'esta planta feitas em março. Para o maio seguinte estarão as beterrabas promptas para se colherem; porém o seu tamanho será algum tanto inferior ao volume que adquirem as que se criam de verão e em bons terrenos.

A provincia do Alemtejo é a que julgo mais propria para a cultura da beterraba; e aquellas immensas planicies plantadas de beterrabas parece-me que seriam uma honesta riqueza para o paiz.

Bem conhecidas são as vantagens que traria a Portugal a fabricação do assucar indigena, porém ainda é problema se poderia competir com o de canna, por causa da sua extrema baratesa, e em razão de se ignorar ainda o producto d'uma determinada porção de terrenos semeados de beterrabas.

Tempo houve em que por consequencias deduzidas de mal formados calculos, imaginei esta industria de grande utilidade para o empregador; porém hoje em resultado d'algumas experiencias e dados mais positivos, posso talvez affirmar que pelo antigo systema

por que se operava a extracção do assucar, não só não é util, mas chega a prejudicial.

O grande melhoramento e perfeição a que tem modernamente chegado em França a fabricação do assucar indigena, tem feito com que este possa competir com o das colonias, em razão de se obter o duplo do producto, que antigamente se obtinha. Assim pôde ser que em Portugal, usando-se d'estes novos systemas, se podesse igualmente fabricar assucar por preço que podesse competir com o exotico; mas sobre isto carecia-se de sérias experiencias.

A fabricação do assucar indigena considero-a eu como o maior manancial de riquezas que poderia nascer hoje n'este paiz. Por cujo motivo tenciono no presente anno fazer algumas plantações de beterrabas, no tempo e pela maneira que já indiquei; e para o proximo futuro anno farei as minhas experiencias, operando a extracção do assucar segundo o methodo recentemente adoptado, afim de me certificar do verdadeiro resultado que offerece entre nós este ramo d'industria.

Supponhâmos porém que o assucar indigena não pode assim mesmo competir com assucar exotico. Não valeria a pena de pagar cada um dos consumidores a contribuição de 10 ou 20 rs. em arratel de assucar em consequencia do augmento dos direitos de importação n'este genero, do que continuarem a sair para o Brazil tão grossos cabedaes como estão diariamente saindo? O governo que tem andado por ahi augmentando direitos a esmo em objectos de importação nos quaes se deveriam alliviar, e que deixa por carregar de direitos outros que justamente o deveriam ser, bom seria que se lembrasse de impôr desde já um direito maior sobre o assucar afim de animar os capitalistas a tentarem em ponto grande alguma empreza d'este genero. Estou bem certo de que esta minha idéa não agradará á maior parte da gente; mas é por causa de egoismo que é natural nos portuguezes de hoje, porque pouco instruidos ainda em economia politica, o que querem é achar o genero barato, venha lá d'onde vier.

Tambem me lembra outro meio de promover a fabricação do assucar indigena: que seria prometter o governo um premio avultado ao primeiro que apresentasse um certo numero de arrobas de assucar: — systema este muito seguido em Inglaterra.

Animar a industria e a agriculture é por todos conhecido ser a unica maneira possivel para se tirar Portugal do empobrecimento e da miseria; é n'uma palavra abrir novas e inesgotaveis fontes da riqueza, que substituam as outras que tivemos e que estanca-ram por uma vez. O governo porém a quem isto cumpria, não cura de tal; e aos particulares que estão no caso de o poderem fazer, tambem tal não importará em quanto corroer as entranhas a este pobre paiz o cancro da agiotagem.

Sou etc.

De V.

Thomar 18 de janeiro de 1844.

Pedro de Roure Pietra.

## PREPARO DOS CEREAES PARA SEMENTE.

(Carta.)

2585 No numero 20 do seu util e patriotico periodico vi inserido um novo processo como preservativo da alforra e morrão, que costuma invadir as searas;



e consiste na immersão do trigo, ou quaesquer outras sementes da familia das gramineas, mui sujeitas a esta enfermidade, n'uma dissolução de cloreto de sodio — *sal commum* —: cujo emprego e manipulação me parece racional attentas as propriedades d'este producto.

Todavia como este objecto é um d'aquelles em que muito póde interessar a nossa agricultura e industria; resolvi-me enviar-lhe outro methodo — entre tantos que nos aconselham — que por estes sitios se uza, com identico intuito ha mais de seis annos. O proficuo resultado d'esta operação acha-se sancionado pela experiencia de quazi todos os lavradores. Dissolvi tres onças de sulfato de cobre — pedra-lipes — em seis canadas d'agua potavel, fervente, e lançai esta dissolução em igual quantidade d'ella fria; ou tanta quanta seja sufficiente para immergir tres alqueires de trigo &c. &c. de forma que aquella cubra este uma mão trasvessa, movendo-o algumas vezes por espaço de dez ou doze horas, e extraíndo-lhe tudo quanta sobre-nadar. Findo este processo, lançai-o sobre cobertas para que enxugue a humidade; deitai-o á terra estando ainda um pouco inchado, não só para que melhor germine como por ir mais impregnado do agente. A dissolução e immerção deve ser feita em vasos de barro, não vidrado, ou dornas &c. lavando depois tudo muito bem, pelo perigo que ha de poder envenar-se alguém; porque o sulfato de cobre é um toxico. O primeiro agricultor que experimentou esta operação foi, se bem me recorde, o Sr. Luiz Ribeiro de Sampayo, d'esta villa, que a encontrou em um jornal nosso; e com tão boa fortuna, que para logo se vulgarisou tanto, que presentemente tem aquella substancia um consumo extraordinario por esta circumvesinhança, progredindo de anno para anno. Concluirei dizendo, que além do trigo não ser nunca acometido da alforra e morrão, precedendo aquelle processo; apresenta á vista uma tão agradável côr, que o mercado lhe dá preferencia, pagando-o por mais 20 ou 30 rs. em alqueire.

Mirandella 16 de janeiro de 1844.

J. S. Rodrigues Cardoso.

#### A AMOREIRA E O BICHO.

ADVERTENCIAS PROVEITOSAS.

2589 Não cançaremos de pregar a cultura da seda. Temos fé em que esta ha-de vir ainda a ser a nossa maior riqueza, e não em remotos annos. A abundancia de amoreiras é, e deve ser agora, o primeiro ponto do nosso empenho. Estamos na sasão do anno mais propria para se ellas plantarem. Lembra-mos pois a todas as auctoridades competentes, quanto lhes deve urgir na consciencia o darem fiél cumprimento ás portarias que pelos diversos ministerios se teem expedido para este fim.

De algumas auctoridades sabemos, que se teem louvavelmente desempenado do encargo: — muitas porém se teem contentado com as palavras da tarifa, *registe-se e cumpra-se*, como se um *cumpra-se* só per si podesse ser, em coisas de industria, efficaç como um *fiat lux*.

Declaramos que temos a peito este negocio e tanto que passado o praso, em que nos achamos das plantações, publicaremos o que tivermos colhido de exactas informações a este respeito, e com toda a im-

parcialidade e independencia applicando louvores aos dignos e censuras aos desleixados, que, por sua preguiça, se houverem tornado complices da pobreza da sua terra. Para o que desde já rogamos aos Srs. *Tinelli* e *Sales* como aquelles, que mais teem contribuido praticamente para a propagação das amoreiras, e a quaesquer outras pessoas, nos coadjuvem para este fim com as suas informações. Por este meio esperamos poder apresentar a seu tempo uma relação do numero de amoreiras, postas de novo, e por quem o foram, e em que sitios: — assim como calcular a quantidade do casulo, que venha ao mercado, que muito confiamos no governo se ha-de promover pelo modo, que deixámos apontado em o artigo 2562.

Aos empreendedores que pretendam haver amoreiras para plantar noticiamos que a Exm.<sup>a</sup> Camara Municipal de Lisboa as dá gratuitamente; e que de venda se acham na *Tinturaria*, á Ponte-Nova, em *Collares*, no *Barreiro*, *Lameiro*, *Barcarena* e *Barroca d'Alva*: e de algumas d'estas partes se pódem obter tambem as multicaules segundo pelos repetidos annuncios temos visto. O que das multicaules em particular havemos dicto por muitas vezes, tem movido a muitas pessoas a lhes darem com razão a preferencia. O modico de seus preços nos induz a pedirmos a todos os donos de quintaes não deixem de as comprar, pelo menos meia duzia de estacas que umas por outras lhes poderão sair a 180 réis. Com este comêço de amoreiral haverá já um intertenimento para as creanças e senhoritas da caça, que poderão crear os bichos, e haver-se-ha conseguido na totalidade o augmento de alguns milheiros d'estes uteis arbustos; a distancia em que os hão-de plantar é de seis palmos.

Por ser tambem agora o prazo do córte dos canaviaes lembraremos igualmente aos que empreenderem creações de bichos que devem procurar os caniços ou refugio da cana, para fazerem taboleiros de trez palmos de largura e com bordas de duas polegadas e meia de alto, e do comprimento appropriado ao logar onde houverem de os pôr: — advirta-se que para se ter maior quantidade de criação n'um espaço dado pódem os taboleiros ser postos uns sobre os outros: — distando os fundos dos diversos andares dois palmos e meio.

#### COMPANHIA PROTECTORA DO COMMERCIO E AGRICULTURA DOS VINHOS DA ESTREMADURA.

2590 A REPRESENTAÇÃO que em o numero antecedente deixámos publicada, produzio optimo resultado; a camara dos srs. deputados nomeou mais quatro membros para se ajnntarem á comissão especial dos vinhos; e tendo a escolha ficado a cargo da meza, esta a fez recair nos srs. barão de Chancelheiros, Beirão, Mouzinhô de Albuquerque, e João Elias: vindo assim a comissão especial dos vinhos, que tem de dar o parecer sobre o dito projecto, a ser composta de 13 membros que são os srs. *Felix Pereira de Magalhães*, *Silva e Cunha*, *Dias de Azevedo (Jeronimo)*, *Albano*, *Teixeira de Moraes*, *Coelho de Campos*, *Cezar*, *Fonseca Magalhães*, *Silva Cabral*, barão de Chancelheiros, *Beirão*, *Mouzinho de Albuquerque*, e *João Elias* em breve esperamos o seu parecer.

Não podendo por esta occasião deixar de dar os devidos agradecimentos a toda a camara pela brevidade,



e boa decisão, e muito e muito em especial aos srs. Gorjão, e João Elias; e logo que appareça o parecer da commissão, e que entre em discussão, acompanhá-lo-hemos de nossas reflexões pari-passo.

#### GRUDE OU COLLA MARINHA.

2591 A COLLA marinha é um invento recentissimo introduzido e ellogiado pelos jornaes de França e susceptivel de muitas e mui diversas applicações; une madeiras, tijolos, e pedras; é completamente insolluvel na agua. Segundo o para que ha-de servir é elastica ou rija; a sua força d'adhesão excede á do mais rijo páo. Applicada no estado liquido livra os metaes de se oxidarem, e as madeiras de apodrecerem; serve para a conservação das cordas e das cobertas de carga. O modo de usar d'esta colla não apresenta difficuldades algumas, e vem explicado no programma, que se dá aos que a compram na fabrica em Paris *Rue Lafayette faubourg S. Martin 61*. Deante dos compradores, querendo elles, se fazem ahí mesmo experiencias, que provam não haver charlataria no invento, que demais a mais já é mui estimado em Inglaterra, onde teve a sua origem. Veja-se o nosso artigo 659 do 1.º vol.

#### SABÃO HYDRÓFUGO OU RECEITA CERTA PARA ANDAR Á CHUVA SEM SE MOLHAR.

2592 O Sr. *Jaques Moneron* consentiu, a rogos nossos, em largar para ser vendida ao publico, uma pequena porção do *sabão hydrofugo menoti* que mandará vir de França para seu uso. São apenas quatro arateis; acham-se á venda no escriptorio d'este jornal a 300 rs. a quarta. — Vamos agora concluir o manifesto do Sr. *Menoti* começado no artigo 2564. Deixámos provadas as grandes utilidades do invento: saibámos agora o modo como se usa d'elle. — Quanto aos pannos ou objectos de lã, faz-se a operação n'uma celha ou qualquer outro vaso maior ou menor conforme a largura da peça. Deita-se dentro a quarta parte, pouco mais ou menos, da totalidade da dissolução do sabão que poderá ser necessaria para ensopar a fazenda; esta se começa então por uma das extremidades a mergulhar no liquido, por modo que ambas as superficies lhe fiquem perfeitamente em contacto com elle. Ao mesmo tempo que assim se vai passando o panno, vai-se expremendo levemente com as mãos dentro no liquido, para ficar bem repassado; e não se passa nunca para outra porção do tecido, antes de estar a precedente bem impermeabilizada. Esta operação continua-se sem interrupção até se chegar ao fim da peça; advertindo que de vez em quando se deve ir lançando no vaso mais alguma porção do mesmo liquido bem quente, para compensar o que fôr sendo absorvido. Estando a fazenda totalmente impregnada até ao ponto de não poder receber mais, dobra-se muito dobrada ou enrola-se, em cujo estado deve premanecer por vinte ou vinte e cinco minutos. Depois estende-se a toda a pressa ao Sol, a uma grande corrente de ar, ou n'uma estufa, ou melhor ainda ao pé do lume. Quarenta e oito horas depois que o tecido, fato, ou seja o que fôr, foi assim saturado de sabão, está secco e póde-se ter a certeza de que está inteiramente impermeabilizado.

Quanto aos objectos de canhamo, linho e algodão,

deve haver todo o cuidado que o acto da inmersão, que acima descrevemos, não seja interrompido. Como o panno de linho absorve o liquido com grande avidéz, deve-se evitar que a parte da fazenda que está fóra do banho se molhe por aspensão. Se a fazenda fôr tintada, será necessario, que antes de se servirem d'ella, a lavem em agoa simples para lhe fazerem desaparecer algumas nódoas que o sabão lhe poderá haver deixado na superficie.

Quanto aos objectos demasiadamente extensos, como vellas de navio, pannos de barracas, toldos, cobertas de cargas, e de bestas, etc., em lugar de os mergulhar, visto não ser isso possivel, eis o que se faz: estende-se a peça n'um telheiro, ou u'uma casa sobre mesas ou n'outro qualquer lugar bem limpo e bem secco, estando egualmente a fazenda bem secca e limpa. Com uma escova muito limpa, e d'um tamanho ordinario, que não seja nem muito macia nem muito aspera, estende-se sobre ella a dissolução bem quente e sem demasiada economia, para que a imbibição seja completa. Esfregada toda a superficie, deixa-se ficar na mesma posição horisontal até já não escorrer. Põe-se a seccar, seja como fôr, pondo comtudo um signal por onde se conheça qual das duas superficies foi a escovada. Depois de bem secca, torna-se a estender, mas do avesso, para se repetir por alli a mesma operação, mas com o liquido quasi a ferver. Para esta repetição basta metade da porção do liquido que se empregou da primeira vez. Quarenta e oito horas depois de bem secca a fazenda já póde servir.

Vamos agora ensinar como se restitue o lustre ás fazendas impermeabilizadas.

Quarenta e oito horas depois de secco o tecido escova-se por ambos os lados com uma escova bem secca; depois passa-se pelo direito outra escova de barbas curtas e rijas, que se vai molhando em agua fria, e que se encaminha ao correr do pelo, no caso de ser o panno de lã. Depois de secco, torna-se a correr com uma escova secca na mesma direcção. Para restituir ao panno todo o seu brilho primitivo, e desfazer os vincos que possam haver resultado das anteriores operações, dobra-se ao meio por modo que o avesso fique para fóra; estende-se assim mesmo dobrado sobre uma mesa de jogo e cobre-se com um panno molhado d'agua dôce, que se corre com um ferro d'engomar bem quente. Volta-se depois a fazenda sem a desdobrar, de sorte que a parte que assentava no panno verde da mesa fique para cima, torna-se a cobrir com o panno molhado e torna-se a correr com o ferro. Se o objecto não é já novo, não menos se chega a um resultado satisfatorio, lavando-o bem, quarenta e oito horas depois de secco do liquido hydrofugo; e escovando-o muito bem para o desenodoar do sabão: a escova n'este caso deve seguir sempre o pelo. Se se vê que ainda é necessario, torna-se ainda a lavar e a escovar depois de secco. — O sabão hydrofugo não deixa nódoa alguma nos pannos caseiros que a gente do campo fabrica para seu uso, nem nos outros tecidos ordinarios. Para taes fazendas basta impermeabilizal-as e seccal-as, ficam logo promptas sem mais nada,

Para outro numero continuaremos este relatorio do Sr. *Menoti*, explicando como se impermeabilizam os chapéos e as cordas.



## AS CHIBATADAS.

2593 Lê-se no *Jornal dos Facultativos Militares*, um extenso artigo da redacção, no qual se ventila a melindrosa questão das chibatadas, encarada unicamente pelo lado medico: tendo por fim demonstrar os graves padecimentos, que resultão quasi sempre de tão violento castigo, mórmente pela maneira porque é infligido. Faz muitas, e interessantes considerações a este respeito; descreve o modo, e a parte em que as chibatadas sam constantemente applicadas, e quaes as lesões organicas que sempre originam; indica, no caso de que este castigo continue a ser tolerado, qual a parte mais apropriada, e com menos risco, e prejuizo da saude do soldado; e conclue mencionando um caso de morte causada pela applicação de tal castigo.

## MAIS PAPEIS EPISPASTICOS.

(Carta.)

2594 . . . Uma carta, que appareceu na *Revista* de 4 do corrente, escripta por um pharmaceutico o Sr. Queiroz e Silva, (a quem não conheço) referindo-se ao haver eu contrariado a opinião do Sr. Pinto sobre os papeis epispasticos d'Albespeyres, daria matéria vasta para sobre ella se escreverem coisas bellas, e até graciosas. — Não farei eu todavia essa analyse. A *Revista* é um jornal de muita gravidade, onde seriam sempre mal cabidas coisas d'esta natureza; demais não posso considerar isto como questão propriamente scientifica, por quanto o caso apenas se reduz a que — o Sr. Pinto disse que os papeis epispasticos eram damnosos, e eu disse que tinham utilidade na pratica; eu apresentei factos, e tenho-os em grande copia, o Sr. Pinto nem os apresentou, nem os podia apresentar, e factos não se contestam só com palavras. Finalmente o Sr. Queiroz e Silva quiz solver a questão. Não era auctoridade competente: não decidiu nada; nem podia.

Repito que não analyso a sua carta, não tenho tempo para perder, e satisfaço-me até certo ponto com o N.B. que a redacção da *Revista* poz no fim d'aquelle escripto.

Não me dispenso comtudo de responder a alguns dos topicos da mesma carta.

1.º — Quando affirmei que os papeis epispasticos eram uma invenção util, não foi por experiencia de poucos doentes mas de muitos; se o Sr. Queiroz ler com attenção o meu primeiro escripto (a que pôz a alcuha de dissertação), achará n'elle isto mesmo.

2.º — Os facultativos, que o Sr. Queiroz diz terem observado o contrario do que eu observei, devem publicá-lo.

3.º — Eu evito quanto é possível o applicar aos meus doentes remedios cujos componentes, na sua maior e essencial parte, eu ignoro; e nunca applico remedio cujos effeitos eu não conheço.

4.º — Se eu souber que certo remedio produz sempre um bom resultado, posto que ignore a sua composição, vou-o empregando, quer seja estrangeiro quer nacional, porque o meu fim é curar os doentes.

5.º — O eu ser movido unicamente pelo espirito de novidade, quando applico certos remedios, é uma falsidade.

6.º — Não desejo acarretar para o estrangeiro (como diz o Sr. Queiroz) o que deve pertencer ao pharmaceutico nacional: esta increpação é deploravel; como

tal a regeito e a desprezo, que em venerar tudo quanto é da minha patria, em estimar as coisas do meu paiz, não cedo eu ao Sr. Queiroz nem a *ninguem*.

7.º — Agradeço muito ao Sr. Queiroz o *descobrimto* que me fez da formula dos papeis epispasticos d'Albespeyres; mas enganou-se na gradação da sua força, porquanto só ha até n.º 3, e não n.º 3 e mais, como aquelle Sr. diz.

8.º — Faça o Sr. Queiroz os papeis epispasticos, visto ter lá guardada a formula: imite n'esta parte os louvaveis esforços do mui digno pharmaceutico o Sr. Tedeschi, e de mais alguém em Lisboa, que assim dará mais provas de patriotismo, do que reprovando absolutamente um remedio só porque vem do estrangeiro.

9.º — A pommada indicada pelo Sr. Pinto (repito) é demasiado forte, e não a suportarão os doentes nas circumstancias em que suportam os papeis epispasticos; e atrevo-me a dizer isto, porque tenho empregado em alguns casos uma pommada epispastica mais fraca que a indicada pelo Sr. Pinto, e que os doentes não tem soffrido além de uma hora; e a não ter eu precavido que no caso do estímulo ser forte, a substituissem logo por outra applicação, de certo que chegaria a levar o *desespero ás fibras do coração do misero paciente*, como se expressa uma senhora em um artigo da *Revista* que precede ao do Sr. Queiroz.

10.º — Não é ao ver de um pharmaceutico que um remedio pode substituir outro; isso pertence ao facultativo, e por consequencia não é pela opinião do Sr. Queiroz (como elle pretende) que os papeis epispasticos hão-de ser substituidos pela pommada do Sr. Pinto.

11.º — Não sei para que o Sr. Queiroz, querendo responder ao meu primeiro artigo, trouxe uma descripção d'alguns dos effeitos e inconvenientes dos vesicatorios. — (descripção que demais a mais não foi feita com muita felicidade).

12.º — Não ignoro, (isto confessa o Sr. Queiroz), alguns inconvenientes que podem resultar da applicação dos papeis epispasticos em alguns casos, mas por isso mesmo que não os ignoro não os applico n'esses casos.

13.º — Irritabilidade é uma propriedade inherente aos tecidos organicos, e por consequencia o Sr. Queiroz, na segunda vez que empregou aquella palavra, queria dizer — *irritação* — em logar de irritabilidade.

14.º — O Sr. Queiroz traz no seu escripto a seguinte pergunta: — *Que certeza tem o Sr. Freitas para asseverar que os seus doentes, mórmente os dois que no seu artigo aponta, tenham usado dos epispasticos d'Albespeyres?* — Quem quizer responda a esta pergunta do Sr. Queiroz, que eu não posso. . . . (o que se segue immediatamente no mesmo § parece-se muito com a pergunta supra.)

15.º — Em summa: toda a questão se limita ao seguinte quesito: — os papeis epispasticos são uma invenção damnosa, ou uma invenção util? — não são os pharmaceuticos os juizes competentes para o decidirem: em quanto não for tractada por aquelles a quem compete, o publico não poderá ajaizar do verdadeiro valor do remedio, embóra se cause o Sr. Queiroz, ou quem quer que seja em identidade de circumstancias.

13 de janeiro. A. J. de S. Freitas Junior.



## PAPEIS EPISPASTICOS PELA ULTIMA VEZ.

(Carta.)

2595 JÁ PASSOU o tempo em que o misero enfermo era exposto na estrada á descripção dos viandantes, para se aproveitar de suas receitas, que em caso de cura eram depositadas no templo, para formarem um corpo de Medicina: desde que, appareceu o divino velho de Cós, o pae da arte de curar, apenas os indios e japões poderão conservar esta usança Egypcia. Hoje a medicina assenta em bases mais firmes, porque os seus diversos ramos se vão cada vez mais aperfeiçoando; todavia o povo nem sempre abraça o conselho do perito facultativo; o a que, porém, dá sempre attenção é o concelho do curioso, estranho á sciencia e arte medica.

Eu intendo com o Sr. A. J. de S. Freitas Junior, que devemos dissipar certos erros de que o publico esteja possuido, mormente quando elles provém de auctoridades tão respeitaveis como é o Sr. A. J. de S. Pinto.

Já V. deve vêr que vou fallar dos *papeis epispasticos* d'Albespeyres. Eu posso assegurar a V. que, tanto na minha limitada clinica particular, como nas enfermarias de S. Francisco e de S. Lazaro do Hospital de S. José, tenho empregado os papeis epispasticos em grande quantidade e nunca observei desarranjo d'orgãos internos, espasmos, insónnias, irritações de orgãos genito-urinarios, nem outro algum d'esses incommados que se lhes attribuem. Algumas dôres e erupções na proximidade do logar applicado, eis os unicos inconvenientes que ás vezes produzem, e que assim mesmo variam segundo o logar da applicação, delicadeza da cútis, e temperamento, e sexo, convenientes do individuo, a que se applicam. Estes inconvenientes remedeiam-se facilmente, ou usando de numero mais fraco, ou untando o papel com pomada-alvissima, ou usando alternadamente dos papeis e do basilicão.

Estes pequenos incommodos, que tão facilmente se removem, não devem fazer banir da pratica um meio, que é realmente tão vantajoso para conservar por muito tempo os vesicatorios. Ha outra asserção menos exacta que me cumpre destruir: affirmou-se que com a venda dos papeis epispasticos se accarretava para o estrangeiro, o que devia pertencer ao pharmaceutico nacional. Ha muitos mezes que o Sr. José Tedeschi, portuguez, pharmaceutico da Escola Medico Cirurgica de Lisboa, me encarregou de observar no Hospital de S. José, os effeitos de papeis epispasticos, que elle fizera, examinando bem se tinham alguma differença dos estrangeiros; encarregou muitos outros facultativos do mesmo objecto, e como todos notassemos, que o resultado era identico, entrou a vendê-los; podendo por consequencia pertencer a este pharmaceutico nacional o dinheiro, com que se compram ao estrangeiro.

N'outro jornal tenciono publicar as observações que fiz sobre os papeis no Hospital de S. José.

Por agora só tenho que dizer que os *papeis epispasticos longe, de serem uma invenção damnosa são uma invenção util.*

Lisboa 13 de Janeiro de 1844.

J. Theotónio da Silva.

## FONTE MILAGROSA OU A NASCENTE D'AGUA DE S. JOÃO DO DESERTO EM ALJUSTREL.

2596 Para satisfazer ao mui politico, e atencioso convite, que ha poucos dias vi, feito no periodico, talvez, o mais util da sociedade a (*Revista Universal Lisbonense*), passo a dar a noticia, que se me pede, não como eu desejava ella fosse, mas como a minha debil memoria, e escassas luzes scientificas me proporcionam.

Não se espere de mim uma descripção exacta da molestia, que padeceu Manoel Joaquim da Conceição; porque são passados muitos annos, e elle não se prestou, de bom grado, a algumas indagações, que lhe fiz; razão esta que me prohibe seguir os prodromos, apparição, desenvolvimento, e progressos da molestia (lepra branca?), que n'aquelle tempo padeceu.

Em 1818, diz elle, foi atacado de buboens syphiliticos, que se resolveram; depois do que teve dores nas articulações das extremidades superiores, ou thoracicas; e inferiores, ou abdominaes. Passados tempos começou a molestia por lhe apparecerem na face, peito, e pernas, nodoas avermelhadas; no centro d'estas se desenvolveram pequenos tuberculos esbranquiçados; a pelle tornou-se um pouco mais branca, do que d'antes era, e rugosa, mormente no dorço das mãos e na face. Conservou sempre a voz no estado natural, mas o halito, e suor desagradaveis.

Ouvi dizer, se bem me lembro, no anno de 1826 ou 25, ao meu prezado amigo, o Sr. D. Miguel Rodrigues de Sousa Piedade, então residente n'esta cidade, que as aguas de S. João do Dezerto, quasi meia legua distante d'Aljustrel, eram vantajosas para toda a qualidade de lepras, e molestias chronicas da pelle. Eu creio que este sabio medico tinha, talvez, conhecimento, por tradição, d'aquellas aguas, pois não me consta tenham sido chymicamente analysadas até hoje.

O dicto Conceição foi, por meu conselho, em 1826, estando quasi impossibilitado, saindo mui pouco de sua caza, ao dicto banho de S. João do Dezerto, então ainda uma cova, diz elle, sem feitiço nem commodidade, exposta ao ar, e pouco aseada. Assim mesmo tomou vinte e tantos banhos, no primeiro anno, d'onde veio com muitissimo alivio; o que o animou a ir segundo, e terceiro anno, e tão grandes foram as melhoras, que hoje conserva apenas a pelle da face, e mãos um pouco rugada: vive presentemente sem incommodo algum; goza de uma saude mais vigorosa do que antes; anda exposto a todas as vicissitudes atmosfericas, e rigores das estações, que em Tavira são excessivos, quer no inverno, quer na estação calmosa.

Tenho colhido noticias d'alguns doentes, que tem ido áquelles banhos, verdadeira piscina de leprosos: dizem que é uma só nascente, a agua frigidissima, o sabor picante, o cheiro activo a caparroza (proto-sulfato de ferro) é pouco potavel, mas quando se bebe, produz o effeito laxante; e que tanto o lodo, como a superficie da agua, em quietação, se assemelham a caparroza. Aerecentam os do sitio, que disfaz a carne, quando por algumas horas se conserva mergulhada na dicta agua. Não affianço o que levo dicto, porque não o observei; a analyse chymica mostrará, um dia, quaes os seus contentos.



Consta-me que o filho d'um individuo de Castromarim, hoje aqui residente, faz, ha dois annos, uzo dos dictos banhos, por lhe terem apparecido, dizem, umas manchas avermelhadas na pelle. Disseram-me, que existem já dois banhos, bem feitos, e reparados; e que ali concorrem muitos infelizes accommettidos de toda a qualidade de molestias agudas, e chronicas da pelle.

Sinto não poder ser mais minucioso a este respeito; não só porque me faltam os esclarecimentos que o dicto Conceição me podia ministrar, e o filho do meu amigo; como tambem porque me falta tudo, que para o ser necessito = conhecimentos scientificos, e topographicos d'aquelle local, e nascente aquatica =; mas suppram os bons dezejos, nos quaes ninguem me excede.

J. P. M. Belliágo.

#### ESTUDOS ARTISTICOS.

##### ANNUNCIO.

2597 A ACADEMIA das Bellas-Artes de Lisboa faz publico que no dia 23 do corrente se abrem as aulas nocturnas destinadas á instrucção dos officiaes fabrís, começando-se n'este dia, ás horas do costume, os exercicios da aula de desenho historico; e no seguinte os da aula de desenho de architectura civil e ornato, e assim consecutivamente, em dias alternados, até ao fim do mez de abril proximo. Exceptuam-se os dias sanctos, e dias de grande gala. Igualmente se abrirá a aula do modelo-vivo, cujas sessões terão lugar durante o referido tempo, em todos os dias uteis.

Academia das Bellas artes de Lisboa, em 17 de janeiro de 1844.

O professor substituto servindo de secretario  
José da Costa Sequeira.

#### VARIEDADES.

##### COMMEMORAÇÕES.

##### SOROR VIOLANTE DO CÉU.

28 DE JANEIRO DE 1693.

2598 QUASI, senão de todo, esquecida jaz a memoria d'esta outr'ora chamada — *a musa decima de Portugal*. Commemoremol-a. — Sua vida começa com o seculo XVII (nasceu a 30 de maio de 1601), e por pouco que com elle não acaba (morreu a 28 de janeiro de 1693). Logo nos primeiros annos se entregou á cultura da poesia; e não passava de 18 quando o monarcha Philippe III se dignou assistir á representação de uma comedia sua em verso castelhano. Depois de completar os 29, professou no mosteiro da Rosa de Lisboa, d'onde era natural, e ahi subiu de ponto a sua fama: nem outra coisa podia acontecer em um seculo, em que todo o talento, imaginação e espirito parece se concentrava para se dispender nos outeiros, e nas grades de freiras. A summa facilidade de Soror Violante em versejar nas linguas portugueza e castelhana só por si bastára para os seus contemporaneos a incorporarem no côro do Parnaso, assim mesmo vestida com o habito do patriarcha S. Domingos, ainda que não fôra tão insigne harpista e cantora, como d'ella tambem contam as memorias do tempo.

J. H. da Cunha Rivara.

## NOTICIAS.

### ACTOS OFFICIAES.

2599 *Diario do Governo de 17 de janeiro.* — Sua Magestade Fidellissima toma lucto por espaço de um mez pela morte de S. M. o ex-rei da Hollanda, Guilherme Frederico, duque de Nassau.

Venda de bens nacionaes.

*Idem de 18.* — Ordem do exercito n.º 2. Venda de bens nacionaes.

### DUELLOS.

2600 SABBADO houve na camara dos deputados desafios, a cuja historia não queremos descer, e cujas consequencias se não acham ainda terminadas na hora em que escrevemos. Alguns jornaes censuram acremmente que os provocados recusassem o duello; parece-nos que melhor empregariam o seu tempo em execrar as provocações. Se a imprensa é o carro triumphal da civilisação, como se ousa clamar do alto da imprensa aos legisladores, (a quem se havia de pedir antes de tudo que extirpassem os remanescentes da vandalica barbaria) como se ousa clamar-lhes, digladeai-vos, fazei circo, insinae com o exemplo a ferocidade ao povo que vos escolheu para seus guias!

### ESCHOLA POLYTECNICA.

2601 COMEÇOU-SE a desentulhar o edificio queimado da Eschola Polythecnica. Não sabemos se é para ser restaurado como estava ou se lhe darão nova forma.

### ASSOCIAÇÃO MARITIMA E COLONIAL.

2602 CELEBROU no dia 23 a sessão solemne anniversaria da sua inauguração, na presença d'elrei, e de grande numero d'officialidade d'armada, e de convidados de distincção. O discurso do sr. presidente, e a relação dos trabalhos ordenada pelo sr. secretario, ambos escriptos de merecimento, serão publicados nos *Annaes* d'esta benemerita associação.

### A BOA ARVORE MANIFESTADA PELOS SEUS FRUCTOS.

2603 — Entre os ordenados que nas ultimas temporas recebêrão differentes ordens em Braga das mãos do Ex.<sup>mo</sup> arcebispo Primaz, 44 eram pertencentes á diocese de Aveiro, e se apresentaram com demissoarias do seu respectivo prelado o bispo eleito de Aveiro. Todos estes ordenados se fizeram notaveis em Braga pela decencia, sisudesa e gravidade com se portáram, merecendo o devido elogio do virtuoso arcebispo.

### UM PIANISTA DISTINCTO.

2604 SOMOS informados de que se acha em Lisboa o Sr. *Marchal*, pianista do imperador da Russia e d'Elrei da Suecia. Dizem-no digno rival do célebre *Listz*, e affirma-se, que brevemente dará um concerto publico em S. Carlos. A quinze do corrente tocou elle já no palacio do Sr. conde do Farrobo em presença de grande numero de intendedores, e com geral applauso. A pericia do Sr. *Marchal* e o seu bom gosto auguram que senão ha-de despedir sem saudades da patria de *Turrianni*, de *Manoel do Espirito Santo*, de *frei José Marques*, de *Marcos Antonio Portugal*, de



*João Evangelista, de Xavier Migoni, de Manoel Ignocencio etc. etc. etc.* Nós desejamos ao Sr. Marchal tão boa fortuna n'esta nossa terra, fecunda em musicos admiraveis, como encontrou por toda essa Europa o NOSSO BOMTEMPO, para sempre célebre nos annaes musicos.

#### THEATRO DE S. CARLOS.

O REGENTE — *tragedia-lyrica em 3. actos — musica de Mercadante — poesia de Cammarano — scenas dos Srs. Rambois e Cinatti.*

2605 NA nossa opinião é esta, a todos os respeito, uma das melhores operas com que se tem ennobrecido o repertorio do nosso theatro-lyrico. Mercadante, já precedido de uma gloriosa reputação no seu genero de musica scientifica, severo, cheio de portentos de harmonia e magestoso, subiu de ponto, em quanto a nós, na composição d'esta opera, modelada, é verdade, pelo gosto do seu *Bravo*, mas que por ventura lhe sobreleva em mais de um ponto.

O 1.º acto distingue-se pelo grandioso e difficil dos seus *cheios*, particularmente o final da introdução e o do acto, trecho de summa valia. Mencioneamos tambem a balada

*Della notte i rai lucenti*

cuja musica perfeitamente adaptada á letra é de todo o effeito que se poderia desejar; e a evocação da feiticeira cheia de originalidade, mas demasiadamente longa.

O 2.º acto distingue-se mais que tudo pelo adagio final; pedaço tão dramatico no libretto como optimamente tractado na musica.

No 3.º acto, que nos parece de todos o melhor, encontra-se um dos mais bellos trechos de musica que se hão escripto para o theatro, — a famosa ária de baixo

*Nuova ferita, cruda, profunda.*

O *libretto* d'esta excellente partitura é tambem uma das melhores producções que jámais fizeram *librettistas*. O sugeito, originariamente historico, é imitado de um drama francez, que o colhêra dos bellos romances de Walter Scott. Cheio de scenas e situações profundamente dramaticas, com uma excellente versificação, é em extremo interessante em todo o seu desinvolvimento.

Esta opera foi escripta no carnaval do anno findo para o theatro de Turim, e para o baixo Fornasari, o tenor Salvi, e a dama Malvani: o enthusiasmo que ella produziu n'esse theatro foi dos maiores que jámais houve. Mercadante esmerou-se mais que tudo na parte do baixo, e menos na do soprano. Entre nós desempenhada pelos Srs. Bottelli e Flavio, e por madame Rossi, tambem agradou sebremaneira. Seria para desejar no Sr. Bottelli maior força e *volume* de voz, mas a intelligencia com que este artista soube haver-se na maneira do canto, e principalmente na nobreza e conveniencia da mimica, nos induzem a acreditar que o papel de Hamilton é porventura o seu maior triumpho entre nós. O Sr. Flavio em toda a opera se mostra assás digno d'elogios, e mórmente no seu bello rondó. E' preciso ser uma cantora da esfera de madame Rossi, para merecer tão justos e estrondosos applausos n'uma parte, que não é, na verdade, para brilhar uma dama, mas que a grande artista

soube pela acção tornar interessantissima, e pelo canto sobre modo importante.

A empresa apresentou-nos a opera com todo o aparato e riqueza de que ella é digna. Todo o scenario é novo e magnifico, e o vestuario, tambem novo, rico e de bom gosto.

Seria uma grande falta, sobre indisculpavel injustiça, concluir sem mencionarmos duas circumstancias; — o quanto a opera estava primorosamente ensaiada, de que muita honra resulta ao Sr. Xavier Migone; — e o muito bem que se desempenhou a orchestra, com uma das mais difficeis e trabalhosas operas que se teem dado no nosso theatro, e que foi á scena com, apenas, nove ensaios na parte instrumental!

*Silva Leal.*

#### NOVIDADE VEGETAL DESAGRADAVEL.

(Carta.)

2606 HA tres annos a esta parte que nas aldêas em de redor do Porto 2 a tres leguas (até onde chega o meu conhecimento) da parte do norte (tenho idéa de ouvir que do lado opposto succede o mesmo) muitos castanheiros proximos a rios e regatos seccaram: o anno seguinte continuou identica destruição nas dictas arvores (o que a nós os ignorantes nos parece um singular phenómeno) e ultimamente feneceram os castanheiros que nos primeiros resistiram. Soutos inteiros, de que seus donos tiravam grande lucro, e de que havia muita abundancia para os arcos das pipas, se acham sem uma só astea com vida: aquelles que estão ás margens dos ribeiros (e é a maior parte) que os outros não tem soffrido damno.

Sómente o castanheiro se divorciou com a frescura da agua, que as outras arvores se conservam como sempre em boa harmonia com ella.

*Uma obscura Portuense.*

#### SEPULTURAS NAS EGREJAS.

(Carta.)

2607 Como sou amante da instrucção, procuro sempre, as fontes, onde posso ir beber-a: por isso nunca deixo de lèr a *Revista Universal Lisbonense*. Lendo o eloquentissimo artigo 2261, ficou-me uma esperanza de que talvez em breve se viesse a acabar em todas as partes do reino o uso de enterrar nas egrejas: porque a *Revista* occupando-se sempre em objectos de interesse publico, e tendo merecido a universal estima dos homens sensatos, não poucas vezes tem já conseguido bons resultados dos seus esforços a bem do povo portuguez: porém lendo depois o artigo 2321 em que V. confessa que estava na persuasão de que o uso de cemiterios era geral em todo o reino, e que só depois veio a descobrir que nas duas freguezias do concelho do Sobral de Monte-Agraço ainda havia o uso de enterrar nas egrejas, não posso deixar de participar a V. que não é só n'uma freguezia de seiscentos fogos e tres mil almas, e n'outra de trescentos fogos e mil e quinhentas almas, mas que é tambem em Coimbra, na terceira cidade do reino, que não ha um cemiterio!!! E demais, como se faz o entêrro nas egrejas? — não ha muitos dias, que entrando eu n'uma, n'ella se achava aberta a cova para receber um defuncto: aproximei-me, e com admiração vi que a profundeza excedia a seis palmos!



Peço-lhe, Sr. Redactor, que falle no seu interessante periodico, sobre este objecto: embora só se façam cemiterios para os homens pela mesma razão porque se fazem cemiterios para os cavallos e cães; façam-se porque assim o requer a hygiene, e pelo menos teremos uma parte da utilidade.

Coimbra 5 de janeiro de 1844.

R. L.

#### O CHRISTIANISMO.

2608 SAHIU á luz o segundo numero do jornal que sob este titulo se publica em Coimbra. Contém:

Influencia do Christianismo na civilização pelo Sr. J. de Lemos; formosa continuação do artigo começado no precedente numero. — Da Oração do Christão, pelo Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira; artigo cuja doutrina temos por erronea e perigosissima, attenta principalmente a auctoridade de quem a emite, e a cuja analyse, por isso mesmo, procederemos em um dos proximos numeros da *Revista*. — A Oração da Manhã lindo trecho de poesia pelo Sr. J. de Lemos. — A Esperança Considerações phylosophicas e religiosas pelo Sr. J. da Rocha. — O Sentimento religioso, pelo mesmo. — Da tolerancia religiosa, e seus limites pelo mesmo. — O Domingo, pelo Sr. J. de Lemos. — Finalmente, A Cruz pelo sr. J. de Lemos, pedaço de poesia mui notavel que sentimos não poder reproduzir.

#### MACROBIA E FECUNDIDADE.

(Carta.)

2609 No dia 13 do corrente mez morreu na freguezia da *Magdalena*, termo d'esta villa, Maria Clara na idade de cento e um annos. Estava entrevada havia dois annos; mas no perfeito uso das suas faculdades mentaes; e assim se conservou até ao ultimo momento.

O reverendo parochio d'aquella freguezia, que me deu esta informação, me disse tambem que não havia muito tempo que, tinha fallecido Mauricia de Carvalho de idade de oitenta e um annos, deixando vivos desoito netos e vinte e cinco bisnetos, particularidade esta que não é vulgar.

Thomar 15 de Janeiro de 1844.

Pedro de Roure Pietra.

#### NECROLOGIO.

2610 A SCIENCIA e as lettras portuguezas acabam de perder na pessoa do Sr. Francisco de Borja de Carvalho e Mello um dos seus distinctos ornamentos.

O Sr. Carvalho e Mello era natural de Tavira. A sua mocidade foi laboriosa e cortada de honrosas privações. O amor ao estudo foi a paixão dos seus primeiros annos: a perseverança, a rara virtude d'aquelle animo juvenil. A sua vida correu quasi sempre tecida de pesares e desgostos — o Sr. Carvalho e Mello era homem demasiadamente justo e honrado para viver em mundo tão falso e enganoso.

O Sr. Carvalho padeceu e foi presó por liberal. Nas côrtes constituintes de 1836 foi deputado pelo Algarve, e distinguio-se no parlamento pela sua firmeza e rectidão, e por alguma ou algumas propostas do primeiro interesse publico, que apesar das suas generosas intenções e esforços ficaram então, como sempre, malogradas.

O Sr. Carvalho e Mello era lente demonstrador da cadeira de anatomia no real e nacional hospital de S. José, membro do conservatorio real, e vice-presidente da muita digna sociedade das sciencias medicas de Lisboa.

Depois d'um longo e dolorosissimo padecimento ao fim d'uma lenta agonia, aggravada ainda pelo perfeito conhecimento que do seu estado tinha, o illustre moribundo deu finalmente a alma ao Creador na madrugada do dia 7 do corrente. Matou-o um aneurisma aos 47 annos da sua idade.

O Sr. Carvalho e Mello era um homem de bem em toda a extensão da palavra. Além dos empregos e distincções mencionadas serviu tambem varios outros cargos. Em todos a mesma rectidão, para todos o mesmo disinteresse. O Sr. Carvalho e Mello era progressista moderado. As bases do seu character eram a independencia, a tolerancia, e a abnegação.

O seu corpo foi dado á terra no dia 8. Acompanharam-n'o o digno coronel e officialidade do lusido batalhão naval — ao qual pertencia na qualidade de cirurgião ajudante — alguns dos seus collegas na faculdade e os mais sinceros e verdadeiros dos seus benemeritos amigos.

Esta brevissima commemoração que offerecemos á memoria do illustre finado vae modesta e singella, assim foi a existencia que choramos. Se lagrimas do coração, e intimo pesar podem ser meritos no mundo, tem-nos estas curtas linhas. A egualdade do tumulo acolhe tão estimada a moeda do rico como o óbulo do pobre. Fique esta simples grinalda de saudades sobre aquelle tumulo, e não lhe reparem nem para o imperfeito das flôres, nem para a humilde mão que alli a colloca.

Factos sabemos da vida do Sr. Carvalho e Mello que seriam contados outros tantos capitulos de alto louvor; callamol-os porém, guardamol-os no segredo da nossa magoa. O mundo indifferente diria — que me importa? — Os seus amigos não precisam de saber mais para avaiar e chorar aquella nobre alma que tão cedo saíu do mundo, talvez por se não achar n'elle á vontade.

O Sr. Carvalho e Mello gosava além de alta e merecida reputação na sua faculdade, além d'um distincto nome litterario e poetico que lhe grangearam algumas obras umas impressas outras ineditas, gosava, dizemos, dos mais subidos creditos de verdadeiro homem honrado.

Foi generoso e mal recompensado, desinteressado e illudido, bemfazejo e atraído — eis a sua vida!

Nasceu desvalido, viveu illibado, morreu pobre e deixou amigos — eis o seu elogio!

Descanço e paz á nobre alma do justo!

M. Leal Junior.

Errata para emendar no artigo 2578, das observações meteorologicas de dezembro, publicado no antecedente n.º 22.

Pag. 269 lin. 21 — ou mais — lea-se ou pouco mais — lin. 56, 57 — d'este mez — lea-se do reine sofrêrão frios intensos no decurso do mez — lin. 64 por 10 dias — lea-se nos ultimos 15 dias do mez — pag. 275 lin. 34, nos paizes — lea-se nos paizes adiantados em civilização.